

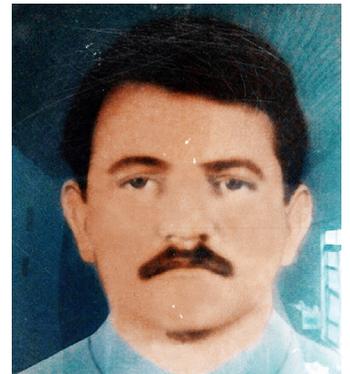
# BOLETIM ESPECIAL

# OLAVO HANSSSEN

Produzido pela Equipe IIEP e Projeto Memória OSM-SP - São Paulo **Maio de 2013**

## **Justiça para Olavo Hanssen:**

*Ato de homenagem ao militante preso no 1º de Maio de 70, no Maria Zélia, exige punição dos crimes da ditadura*



O ato de homenagem a Olavo, realizado no Maria Zélia, precede à audiência oficial da Comissão Estadual da Verdade “Rubens Paiva”, quando serão ouvidos familiares, militantes sindicais e políticos que conviveram com Olavo. Nessa ocasião se recuperará os dados, fatos, nomes, autoridades envolvidas para exigir justiça e punição aos responsáveis pelas prisões no 1º de Maio de 70 e o assassinato de Olavo.

**E**m 1970, dez sindicatos organizaram um ato de 1º de Maio com muitas dificuldades. Imperava o AI-5. No modesto campo de futebol na Vila Maria Zélia, discursos pedindo melhores condições de vida e trabalho para os trabalhadores, muitos jogos e brincadeiras. Os militantes revolucionários faziam sua tarefa de panfletagem, contatos e convencimento. A presença da polícia foi ficando cada vez mais ostensiva.

Ao tentarem sair, 18 participantes foram presos, entre eles Olavo Hanssen, militante do POR(t), assassinado por torturas. Olavo era conhecido militante da Oposição Metalúrgica e quando foi assassinado estava trabalhando como químico em Santo André.

Já em 4 de maio, em audiência com o Ministro do Trabalho, Júlio Barata e o Presidente Médici, as Federações de Trabalhadores de São Paulo entregaram a lista dos presos por “elementos à paisana que se negaram a qualquer identificação”. Os sindicalistas ficaram sem resposta. No mesmo dia da morte de Olavo, o governo fez um pronunciamento dizendo: “não há tortura em nossas prisões”.

A CNBB, reunida em Brasília, em sua Conferência publicou manifesto denunciando “o assassinato do operário Olavo, quando participava da data internacional dos trabalhadores”. Foi o primeiro caso em que a ditadura teve que dar esclarecimentos aos organismos internacionais, da OEA - Organização dos Estados Americanos e ONU - Organizações das Nações Unidas, por assassinato de presos políticos. No final do ano, a Comissão Interamericana de Direitos Humanos da OEA, denunciou “o governo brasileiro por não punir os responsáveis e não reparar a família”.

Sua morte, apesar dos tempos sombrios, motivou protestos formais e exigências de esclarecimentos por parte de Franco Montoro, deputado federal em nome da bancada do MDB e uma atitude muito firme de Oscar Pedroso Horta, presidente do MDB, que levou o caso ao Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana. O resultado foi o simples arquivamento.

O Sindicato dos Químicos do ABC, no seu jornal Sindiquim, em maio de 70 denunciou a morte “de nosso sócio Olavo por espancamento”. Os dez Sindicatos organizadores do ato no Maria Zélia exigiram esclarecimentos via DRT (Delegacia Regional do Trabalho); Federações e Sindicatos de Trabalhadores, em 15 de maio, enviaram telegrama ao Presidente da República, o ditador Médici, também sem resposta.

Estávamos no auge da ditadura civil-militar. O POR(t), seção brasileira da IV Internacional, fez uma campanha mundial de denúncias. A assembleia geral do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, no dia 25 de maio, fez um minuto de silêncio em homenagem a Olavo, ex-metalúrgico. Waldemar Rossi, da Oposição Metalúrgica, propôs que o representante dos trabalhadores na assembleia anual da OIT (Organização Internacional do Trabalho) levasse um amplo relatório “sobre a morte do companheiro Olavo Hanssen e a prisão dos trabalhadores no 1º de Maio”.

Todas essas denúncias no período mais duro do regime militar precedeu, em alguns anos, a comoção causada pelos assassinatos de Vladimir Herzog e Manuel Fiel Filho.

## 43 ANOS DEPOIS



Foto: Douglas Mansur

Tullo, Franco, Alice Hanssen, Paulo Cseh, Ollitta, Neto, Dulce, Ana, Martinelli e Geraldinho

### NUNCA ESQUECEREMOS. EXIGIMOS JUSTIÇA!

Quarenta e três anos depois, uma grande coalizão política organiza um ato de homenagem a Olavo na mesma histórica Vila Maria Zélia.

Mais de 300 militantes, dirigentes políticos, sindicalistas, artistas e trabalhadores se emocionaram com o caráter proletário e revolucionário da homenagem.

Na boa tradição operária, o ato foi aberto com um “cortejo popular” organizado pelo Núcleo Stúdio 184 / Teatro Heleny Guariba, coordenado por Dulce Muniz, que foi presa com Olavo em 1970, no Maria Zélia.

Durante o ato, foi lançado o livro “Olavo Hanssen: uma vida de desafio”, de Murilo Leal. Adquirá seu exemplar no IIEP pelo (11) 971102474, por meio do [memoria@iiep.org.br](mailto:memoria@iiep.org.br) ou na livraria da Unesp. O Custo é de R\$25 reais.

Foi exibido o filme sobre a vida de Olavo, produzido pelo Projeto Biografias da Comissão Estadual da Verdade “Rubens Paiva” e da TV ALESP. Monólogo com o ator Edgard Castro

Para assistir: [www.youtube.com/watch?feature=player\\_embedded&v=vGUN9sNZUna](http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=vGUN9sNZUna)

A coordenação do ato foi de Henrique Ollitta da corrente O TRABALHO do PT e Sebastião Neto do Projeto Memória da Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo.



Foto: Douglas Mansur

Cortejo Popular. À frente Dulce Muniz.



Foto: Dino Santos/Sindicato dos Químicos do ABC

Salão lotado no início do Ato. Na mesa, Neto e Ollitta

no sentido horário:  
**Julinho, Adriano,  
Pipoka, Ollitta, Neto,  
Sotilli, Ivan e  
José Freire.**

A primeira mesa foi dos que tiveram a iniciativa de convocar o Ato e dos que fizeram a sua organização.



Fotos: Douglas Mansur



Foto: Vera Jursys

A segunda mesa foi composta com os que militaram com Olavo, os organizadores do 1º de Maio, os que foram presos com ele e os que testemunharam suas torturas.

no sentido horário:  
**Tullo, Franco, Alice,  
Ollitta, Paulo Cseh,  
Dulce, Neto, Ana,  
Martinelli e Geraldinho**

## A POSIÇÃO DA FAMÍLIA DE OLAVO

A família de Olavo foi representada por sua irmã, Alice Hanssen, que defendeu os valores praticados por Olavo e sua coerência. Refletiu que a democracia pela qual se lutava ainda não foi alcançada. Fez uma defesa serena e veemente pela punição dos responsáveis pelo desaparecimento e morte dos militantes políticos. Ao final, todos cantaram a INTERNACIONAL junto com o Coro Luther King, coordenado pelo maestro Martinho Lutero e Sira Milani



Maestro Martinho Lutero e Coro Luther King

Foto: Douglas Mansur



Ao som da Internacional, bandeiras vermelhas ao alto

O ato aprovou por aclamação a “Carta Aberta à Presidenta da República Dilma Rousseff”, exigindo a punição dos torturadores e mandantes.

#### O ATO NO MARIA ZÉLIA FOI UMA INICIATIVA:

- Corrente O Trabalho do PT – Seção Brasileira da IV Internacional
- Deputado Adriano Diogo – PT
- Juventude Revolução
- Projeto Memória da Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo
- Teatro Studio Heleny Guariba

#### E DOS MILITANTES CAMARADAS DE OLAVO NO POR(t):

- Adolfo Gilly
- Dulce Muniz
- Franco Farinazzo
- Murilo Leal
- Tullo Vigevani

#### TEVE APOIO, DE PRIMEIRA HORA:

- Sindicato dos Químicos do ABC
- Sindicato dos Químicos de São Paulo
- Comissão da Verdade do Estado de São Paulo “Rubens Paiva”
- Prefeitura de São Paulo - Secretaria de Direitos Humanos e Cidadania
- Acimar - Associação de Civis, Militares Aposentados e da Reserva
- Condepe - Conselho Estadual de Defesa da Pessoa Humana
- Diretório Zonal do PT da Vila Maria
- Núcleo Permanente de Preservação da Memória Política
- Central Única dos Trabalhadores / SP
- Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de São Paulo

Durante a organização do Ato e no próprio evento, a homenagem recebeu dezenas de adesões.

As informações sobre a vida de Olavo tem como base o livro de Murilo Leal e os depoimentos feitos durante o Ato.

Sobre a Vila Maria Zélia veja o livro: “A Fábrica do Sonho: trajetória do industrial Jorge Street” de Palmira Petratti Teixeira. Editora Paz e Terra.

#### NOMES DOS PARTICIPANTES DAS MESAS:

- Adriano – Adriano Diogo (Deputado Estadual do PT e presidente da Comissão Estadual da Verdade “Rubens Paiva”)
- Alice Hanssen – Irmã de Olavo Hanssen
- Ana - Ana Lúcia Di Giorgi (Militante à época do POR(t), presa junto com Olavo)
- Dulce – Dulce Muniz (Militante à época do POR(t), presa junto com Olavo, atriz e diretora do Núcleo Stúdio 184 / Teatro Heleny Guariba)
- Franco – Franco Farinazzo (Militante à época do POR(t) e da OSM-SP)
- Geraldinho – Geraldo Siqueira (militante à época do POR(t), preso junto com Olavo).
- Ivan - Ivan Seixas (Comissão Estadual da Verdade “Rubens Paiva”)
- José Freire (Secretário de Saúde, Trabalho e Meio Ambiente do Sindicato dos Químicos do ABC)
- Julinho – Júlio Turra (Executiva Nacional da CUT)
- Martinelli – Raphael Martinelli (Companheiro de cela e testemunha das torturas em Olavo; à época militante da ALN – Ação Libertadora Nacional)
- Neto – Sebastião Neto (da Coordenação do Projeto Memória da OSM-SP)
- Ollitta – Henrique Ollitta (Corrente O Trabalho do PT – Seção Brasileira da IV Internacional)
- Paulo Cseh (Diretoria do Sindicato dos Têxteis de São Paulo em 1970, representando os sindicatos organizadores do 1º de Maio de 70)
- Pipoka – Oswaldo Bezerra (da Coordenação dos Químicos de São Paulo)
- Sotilli – Rogério Sotilli (Secretário de Direitos Humanos e Cidadania da Prefeitura de São Paulo)
- Tullo – Tullo Vigevani (Militante à época do POR(t))

